

FACULDADE GALILEU
ARQUITETURA E URBANISMO

CAROLINE DE OLIVEIRA LOPES

RESTAURANTE SOCIAL

**A RELAÇÃO DA PSCICOARQUITETURA NA TRANSFORMAÇÃO DE ESPAÇOS
DE ALIMENTAÇÃO PARA CRIANÇAS**

BOTUCATU

2025

CAROLINE DE OLIVEIRA LOPES

RESTAURANTE SOCIAL

**A RELAÇÃO DA PSCICOARQUITETURA NA TRANSFORMAÇÃO DE ESPAÇOS
DE ALIMENTAÇÃO PARA CRIANÇAS.**

Monografia apresentada ao Curso de
Arquitetura e Urbanismo da Faculdade
Galileu, campus Botucatu, da disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do diploma de graduação em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientador (a): Professora Me. Beatriz Leite
Antunes

BOTUCATU

2025

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui foi uma jornada intensa e cheia de desafios, e não poderia deixar de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante esse percurso.

À minha família, que sempre foi meu alicerce: minha mãe Karla, que é professora e minha maior inspiração, meu pai Antônio, minha irmã Camila, tios, tias e especialmente meus avós, Maria Benvinda e José Carlos que são a base de tudo. Vocês me sustentaram, apoiaram e acreditaram em mim, mesmo quando eu pensei em desistir. Este trabalho é tanto meu quanto de vocês.

À Nicole Zonta, minha chefe e amiga, que me acompanha desde o começo da faculdade, obrigada por acreditar no meu potencial e me incentivar em cada passo dessa caminhada.

Às minhas amigas da faculdade, Maju, Ana e Maria, por compartilharem comigo risadas e angústias.

Apesar das dificuldades e dos momentos em que pensei em desistir, encontrei na arquitetura, especialmente no universo dos interiores, um espaço para sonhar e me realizar. Sinto um orgulho imenso em entregar algo que carrega todo meu esforço, aprendizado e amor.

Este momento representa para mim muito mais do que um diploma: é a concretização de algo que encontrou meu caminho e que consegui conquistar. Agora, com o coração cheio de gratidão, quero aproveitar a vida, valorizando as coisas simples e o que realmente importa: a família, o afeto e os sonhos que ainda virão.

Obrigado a todos que fizeram parte dessa história.

***"A arquitetura e o urbanismo são instrumentos
fundamentais para a construção de uma
sociedade mais justa e humana."***

- Lúcio Costa

RESUMO

Este trabalho tem como foco a criação de um restaurante social voltado ao atendimento de crianças em situação de vulnerabilidade. A proposta parte da compreensão de que a arquitetura não deve apenas cumprir funções técnicas, mas também promover acolhimento, autonomia e bem-estar. Nesse contexto, a psicoarquitetura se torna uma ferramenta fundamental para pensar espaços mais humanos e sensíveis às necessidades emocionais de seus usuários. O projeto foi desenvolvido a partir de princípios como: funcionalidade é garantida por uma organização espacial clara e segura, com ambientes que estimulam a autonomia infantil, como mobiliário adaptado e fluxos bem definidos. A sensibilidade aparece no cuidado com cores, texturas, iluminação e na criação de espaços que permitem acolhimento, interação e estímulo à criatividade. Já o impacto social está presente na escolha por um programa arquitetônico que, além de oferecer alimentação, promove vínculos afetivos, aprendizagem e senso de pertencimento. O restaurante foi pensado não apenas como um local para refeições, mas como um espaço de cuidado. O ambiente convida a criança a explorar, brincar e aprender, com áreas verdes, cantinhos de leitura e elementos naturais que despertam curiosidade e afeto. A presença de hortas e materiais sensoriais fortalece o vínculo entre corpo, ambiente e alimentação, incentivando hábitos saudáveis e o contato com a natureza. Além de atender a necessidades básicas, o espaço busca combater a exclusão social por meio da arquitetura. A escolha por uma abordagem sensível e centrada na infância transforma o restaurante em um espaço de proteção, segurança emocional e dignidade. Nesse sentido, a proposta reconhece o poder do ambiente físico na construção de experiências positivas e no desenvolvimento integral das crianças. Com base em diretrizes da psicoarquitetura e em normas técnicas voltadas à acessibilidade e conforto, o projeto mostra como é possível aliar estética, funcionalidade e responsabilidade social. A arquitetura aqui é compreendida como uma ferramenta de transformação, capaz de criar ambientes que cuidam, acolhem e transformam realidades por meio do espaço.

Palavras-chave: Arquitetura social; Psicoarquitetura; Infância; Espaços de alimentação; Justiça social; Inclusão.

ABSTRACT

Social restaurants have emerged as tools for social transformation by addressing food insecurity and offering dignified, welcoming environments for children in situations of vulnerability. This work presents a proposal for a social restaurant guided by the principles of psychoarchitecture, seeking to create spaces that promote emotional well-being, autonomy, and belonging. The project applies practical strategies such as the use of colors to stimulate appetite, natural lighting to regulate mood, child-scale furniture to encourage independence, and sensory spaces to support emotional regulation. The architectural approach values the affective dimension of space and views architecture as a form of care. Through thoughtful design, the proposal aims to promote inclusion, learning, and child development, reinforcing the idea that access to healthy food and a quality environment is a basic right. This work combines theoretical foundations with practical architectural applications, emphasizing the social role of architecture in the creation of spaces that educate, welcome, and nourish beyond the plate.

Keywords: *psychoarchitecture, social restaurant, child-centered design, social inclusion, emotional well-being*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. METODOLOGIA	10
3. DESENVOLVIMENTO.....	12
3.1. A infância e o direito à alimentação.....	12
3.2. Insegurança alimentar e desigualdade social.....	14
3.3. Os restaurantes sociais como resposta comunitária	15
3.4. Arquitetura sensível na infância: espaços de pertencimento	16
3.5. Psicoarquitetura: o espaço que acolhe.....	17
3.6. A relação entre Gastronomia e Psicoarquitetura	19
4. ESTUDO DE REFERÊNCIAS PROJETUAIS.....	21
.....	22
5. PROJETO	23
5.1. Diretrizes projetuais para o restaurante social infantil	24
5.1.2. Localização	25
5.1.3 Conceito Arquitetônico	25
5.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES.....	26
5.2.1. Público-alvo	26
5.2.2. Horário de funcionamento.....	26
5.2.3. Atividades oferecidas	26
5.2.4. Ambientes planejados	27
5.2.5. Fluxos diferenciados	27
5.2.6. Materiais e Acabamentos	27
5.3 PROPOSTA ARQUITETÔNICA: RESTAURANTE SOCIAL.....	28
5.3.1. Fundamentação e Normas	28
5.3.2. Iluminação e ventilação natural.....	28
5.3.3. Normas específicas.....	28
5.4 TERRENO.....	28
5.4.1. Localização e Acessos.....	29
5.4.2. Características e Infraestrutura do Entorno	30
5.4.3. Implantação	30
5.4.4. Fluxos	30
5.5 APLICAÇÕES PRÁTICAS DO PROJETO ARQUITETÔNICO.....	30
5.5.1 Aplicação comunitária e educativa do restaurante	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	39

1. INTRODUÇÃO

Garantir uma infância digna é assegurar que cada criança possa crescer protegida, nutrida e amparada, com seus direitos respeitados e suas potencialidades plenamente desenvolvidas. A dignidade na infância não se limita à ausência de violência ou miséria, mas inclui o acesso ao afeto, à alimentação saudável, à educação e à convivência social que formam as bases de uma vida plena e feliz.

O direito à alimentação, reconhecido internacionalmente como um direito humano básico, é um aspecto essencial para que as crianças possam crescer e se desenvolver plenamente, sem as barreiras que a fome e a má nutrição impõem

A fome infantil é uma das expressões das desigualdades sociais, resultado de políticas públicas insuficientes e da perpetuação histórica da exclusão econômica. Negar o acesso à alimentação adequada na infância é violar direitos humanos fundamentais e comprometer o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo de gerações inteiras. Como destaca Josué de Castro (1946), 'a fome não é uma fatalidade da natureza, mas uma criação dos homens', a infância é uma fase determinante na formação dos indivíduos.

No entanto, a carência de alimentos nutritivos compromete diretamente o desenvolvimento das crianças, afetando desde a aprendizagem até a autoestima. Em paralelo, observa-se um crescimento alarmante no consumo de alimentos ultra processados entre populações em situação de vulnerabilidade, o que tem impulsionado os índices de obesidade infantil. Segundo o *Guia Alimentar para a População Brasileira* (BRASIL, 2014), a ingestão frequente desses produtos está associada a padrões alimentares inadequados, especialmente prejudiciais na infância. Essa realidade contraditória, revela a complexidade do problema e a necessidade de soluções integradas, como alerta a FAO (2023): “a desnutrição e a obesidade compartilham causas estruturais comuns e exigem respostas coordenadas para transformar os sistemas alimentares e garantir dietas saudáveis para todos”.

Assim, iniciativas como os restaurantes sociais surgem não apenas como respostas emergenciais, mas como instrumentos de justiça social, afirmando a alimentação como direito, e não como privilégio, especialmente para as crianças que vivem em contextos de

vulnerabilidade. Mais do que fornecer refeições, esses espaços funcionam como redes de apoio, promovendo não só o acesso à comida, mas também a convivência, o aprendizado e o cuidado com a infância. Muitos deles, inclusive, integram ações educativas, oficinas e atividades lúdicas, reforçando seu papel como agentes de inclusão social e desenvolvimento humano (FAO, 2019).

É nesse ponto que a arquitetura se apresenta como aliada essencial. Mais especificamente, a psicoarquitetura, um campo que estuda a influência dos espaços no comportamento, nas emoções e na qualidade de vida das pessoas, pode ampliar significativamente o impacto dessas iniciativas. Como destaca Gogosz (2021), trata-se de uma abordagem que busca compreender o indivíduo em sua singularidade e criar ambientes que favoreçam bem-estar, relações saudáveis e conexão consigo mesmo.

Aplicar os princípios da psicoarquitetura em restaurantes sociais voltados ao público infantil é, portanto, uma forma de potencializar sua eficácia. Ao projetar espaços que acolhem, estimulam e educam, é possível transformar a simples experiência de se alimentar em um momento de desenvolvimento integral.

Assim, este trabalho propõe a criação de um restaurante comunitário pensado a partir dessa perspectiva sensível e multidisciplinar, entendendo a arquitetura não apenas como técnica, mas como ferramenta de cuidado, empatia e transformação social. Justifica-se, portanto, a relevância de um projeto arquitetônico voltado a um restaurante social para crianças que una funcionalidade, afeto e estímulo sensorial, contribuindo para a construção de uma infância mais digna. A proposta visa ir além da assistência pontual, buscando construir um espaço transformador que reflita valores de equidade, respeito e desenvolvimento humano.

2. METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interdisciplinar, articulando conhecimentos das áreas da arquitetura, psicologia ambiental e políticas públicas. O objetivo é compreender como o espaço físico pode influenciar o bem-estar e o desenvolvimento integral de crianças em situação de vulnerabilidade social, por meio da criação de um restaurante comunitário fundamentado nos princípios da psicoarquitetura.

Para isso, a metodologia foi estruturada em três etapas principais:

- **Desenvolvimento do projeto arquitetônico:** envolveu a elaboração de um projeto arquitetônico original para um restaurante social voltado ao público infantil usando ferramentas de software como AutoCAD, Sketchup/Layout e de renderização como o Enscape. A proposta foi desenvolvida com base: nos princípios da psicoarquitetura; nas necessidades físicas e emocionais da infância; em critérios de funcionalidade, acessibilidade e sensibilidade social. Abordando o projeto de interiores como peça central na busca de propor um espaço que vá além da alimentação, sendo também um ambiente de cuidado, aprendizado e fortalecimento de vínculos.
- **Revisão bibliográfica,** com foco em conceitos de insegurança alimentar e exclusão social na infância; A importância da alimentação saudável e do acolhimento no desenvolvimento infantil; Princípios da psicoarquitetura e sua aplicação em espaços voltados ao público infantil; O papel social da arquitetura na promoção de justiça e equidade; Princípios normativos e regulamentações;

Entre as normas consultadas e aplicadas estão:

ABNT NBR 9050/2020 – Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

Decreto nº 5.296/2004 – Dispõe sobre a acessibilidade de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Legislações municipais de Botucatu – Regras para aprovação de projetos arquitetônicos voltados à alimentação e ao uso público.

Resoluções da Vigilância Sanitária – Aplicadas especialmente às áreas de preparo de alimentos e à área dos pequenos chefs, garantindo boas práticas de higiene e segurança.

Dentre os principais autores que guiaram a concepção desta monografia, estão:

Robert Gifford (2007) que estuda a relação entre arquitetura e comportamento humano.

Esther M. Sternberg (2009) autora de *Healing Spaces: The Science of Place and Well-Being* que analisa os impactos emocionais da iluminação e do ambiente físico na saúde.

Jonas E. Eberhard (2009) que participou da difusão dos princípios da neuro arquitetura: Neurociência aplicada à arquitetura.

Jane Jacobs (2011) conhecida pela obra *Morte e Vida de Grandes Cidades* que traz pautas como visibilidade, pertencimento e interação no espaço urbano.

Juliana Gogosz (2021) Arquiteta brasileira, autora do livro *Psicoarquitetura: Um olhar sensível sobre os espaços*, que trata da aplicação da psicologia na arquitetura com enfoque social.

Montessori (referencial interdisciplinar) – Princípios de autonomia infantil que defende o ambiente como um “educador silencioso”.

Blanca Valdivia (2020) autora de *Urbanismo feminista: por uma transformação radical dos espaços de vida*, que propõe uma visão crítica para a transformação dos espaços urbanos a partir da perspectiva feminista.

FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (2019) que apresenta o Estado da segurança alimentar e nutrição no mundo, contextualizando a questão da alimentação global e segurança nutricional.

Pinheiro, A. et al. (2018) que discutem os impactos da obesidade infantil na saúde pública em estudo publicado na Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil.

Williams, K. E. et al. (2006) autores que investigam problemas alimentares em crianças com atrasos no desenvolvimento no *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*.

- **Estudo de referências projetuais** que consistiu na análise de projetos existentes de restaurantes sociais e comunitários; espaços de alimentação para crianças, centros de acolhimento e convivência com abordagem educativa e afetiva. Essa análise teve como objetivo identificar estratégias espaciais, materiais, cromáticas e funcionais que contribuam para o acolhimento, o estímulo sensorial e a convivência saudável. Para amplitude da análise foram abordados estudos de caso da América Latina e Brasil.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. A infância e o direito à alimentação

A infância é uma fase crucial para o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional do ser humano, período em que o acesso a uma alimentação adequada se mostra fundamental para garantir saúde e qualidade de vida. O direito à alimentação, reconhecido internacionalmente como um direito humano básico, é um aspecto essencial para que as crianças possam crescer e se desenvolver plenamente, sem as barreiras que a fome e a má nutrição impõem. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente 45 milhões de crianças menores de cinco anos sofrem de desnutrição crônica no mundo (WHO, 2020). No Brasil, apesar dos avanços, ainda se observa um cenário desafiador em muitas regiões, onde o acesso a alimentos nutritivos é limitado, comprometendo o pleno desenvolvimento infantil (FAO, 2019).

A alimentação inadequada impacta diretamente na saúde e no desempenho escolar das crianças, afetando sua concentração e aprendizado. Um estudo indicou que cerca de 30% das crianças com desenvolvimento típico podem apresentar algum desafio relacionado à alimentação, enquanto entre crianças com alterações no desenvolvimento, essa taxa sobe para 80% (KERZNER et al., 2015; WILLIAMS et al., 2006).

Além da desnutrição, a obesidade infantil é um problema crescente que se relaciona diretamente com a qualidade do ambiente alimentar e as práticas alimentares incentivadas desde cedo. A obesidade e a desnutrição coexistem como faces da mesma moeda no contexto alimentar das crianças, especialmente em ambientes onde alimentos ultra processados, como fast food, são amplamente acessíveis e consumidos. Muitas vezes, a comida é utilizada como recompensa, criando hábitos alimentares inadequados, associados a um prazer imediato, em vez de focados na nutrição saudável. Esse comportamento, aliado à falta de acesso a opções saudáveis, contribui para o aumento do peso e deficiência de nutrientes essenciais, comprometendo o bem-estar das crianças.

O marketing da indústria alimentícia, voltado especialmente para o público infantil, exerce grande influência, estando presente em mídias diversas e nos espaços frequentados pelas crianças. Essa prática abusiva associa a alimentação ao desejo de consumo, incentivando hábitos prejudiciais à saúde em um grupo altamente vulnerável. No mundo, existem 40 milhões de crianças abaixo dos cinco anos com sobrepeso, segundo a OMS (2020). No Brasil, o excesso de peso afeta 30,3% das crianças e adolescentes entre 5 e 19 anos, conforme dados do Panorama da Obesidade em Crianças e Adolescentes (2023). Além disso, pesquisas indicam que crianças com obesidade têm cinco vezes mais chances de se tornarem adultos obesos (PINHEIRO et al., 2018).

Por isso, é fundamental que os espaços onde as crianças se alimentam sejam pensados para promover educação nutricional, incentivar escolhas alimentares saudáveis e romper o ciclo vicioso de obesidade e desnutrição. A arquitetura, junto da psicoarquitetura, pode contribuir para essa transformação, criando ambientes acolhedores, estimulantes e que reforcem a relação positiva com a alimentação.

Em Botucatu, uma cidade com 72 escolas públicas, apresenta um desafio significativo em relação à saúde e bem-estar de suas crianças. O projeto proposto tem como foco principal essas escolas, visando melhorar a qualidade de vida das crianças. Com o crescente número de famílias em situação de vulnerabilidade na cidade, Botucatu ocupa a sexta posição de pessoas dentro dessas condições, sendo assim, é essencial que intervenções sociais sejam direcionadas às crianças que enfrentam essa realidade. Pois, muitas delas não têm acesso a uma alimentação adequada, o que pode afetar significativamente seu desenvolvimento.

Tabela 1 - Cenário da Infância e Segurança Alimentar em Botucatu

Indicador	Valor/Informação	Fonte
População total de Botucatu (2022)	145.155 habitantes	IBGE
Número de crianças de 0 a 9 anos (estimativa)	Aproximadamente 13.000 crianças	Estimativa baseada em dados populacionais disponíveis
Pessoas em situação de rua (2023)	84 pessoas (aumento de mais de 500% desde 2016)	Tribuna de Botucatu
Moradores em favelas e comunidades urbanas (2022)	602 pessoas em 258 domicílios	Acontece Botucatu
Insegurança alimentar grave em domicílios com crianças menores de 5 anos (Brasil, 2017-2018)	5,1% das crianças com menos de 5 anos viviam em lares com insegurança alimentar grave	Agência de Notícias IBGE
Insegurança alimentar grave em domicílios com crianças de 5 a 17 anos (Brasil, 2017-2018)	7,3% das pessoas com idade entre 5 e 17 anos viviam em domicílios com insegurança alimentar grave	Agência de Notícias IBGE

Fonte: autora

3.2. Insegurança alimentar e desigualdade social

Os restaurantes sociais surgem como respostas diretas à desigualdade social, promovendo não apenas o acesso à alimentação, mas também acolhimento, dignidade e oportunidade de transformação. Eles representam uma iniciativa concreta de combate à insegurança alimentar, ao mesmo tempo que funcionam como espaços de convivência, aprendizado e integração comunitária.

Em muitos contextos urbanos e periféricos, esses espaços se tornam centros de apoio, principalmente para famílias em situação de vulnerabilidade. Em cidades como Belo Horizonte, por exemplo, o Restaurante Popular tem sido um modelo de referência, oferecendo refeições equilibradas a preços simbólicos, garantindo dignidade e nutrição para milhares de pessoas diariamente (RIZZINI, 2015).

Além da função alimentar, vários desses restaurantes são integrados a programas socioeducativos, oficinas, atividades culturais e ações de promoção da saúde. Esse aspecto multidisciplinar os torna lugares que acolhem não apenas o corpo, mas também o emocional e o social, especialmente no que se refere ao desenvolvimento das crianças.

A presença de um ambiente seguro e convidativo é, portanto, essencial. Não basta apenas fornecer alimento, é preciso criar um espaço que respeite a diversidade, estimule a convivência saudável e promova uma vivência positiva. Como destacam Monteiro e Cannon (2019), o ato de se alimentar está profundamente ligado ao contexto cultural e social, e não deve ser visto apenas como uma necessidade biológica.

3.3. Os restaurantes sociais como resposta comunitária

A arquitetura tem o poder de transformar realidades, não apenas por meio da estética ou da técnica, mas principalmente pela forma como os espaços influenciam nossas emoções, comportamentos e relações. É a partir dessa perspectiva que surge a psicoarquitetura, campo que une psicologia e arquitetura para projetar ambientes que promovam bem-estar e conexão humana.

Segundo Gogosz (2021), a psicoarquitetura se baseia na compreensão da identidade do indivíduo, propondo espaços que refletem suas necessidades emocionais, sensoriais e sociais. Ela considera aspectos como cores, formas, iluminação, materiais e distribuição espacial, entendendo que cada elemento impacta diretamente a forma como o ambiente é vivido.

Essa abordagem é especialmente relevante quando se trata de espaços voltados ao público infantil. Crianças são altamente sensíveis aos estímulos do ambiente: cores vivas podem gerar energia ou agitação; espaços abertos promovem liberdade de movimento; texturas despertam curiosidade e sensação de conforto; e a presença da natureza está ligada a estados de relaxamento e equilíbrio emocional (DAY, 2004).

Projetar com sensibilidade significa criar lugares que acolhem em todos os sentidos: emocional, social, físico e psicológico. Um restaurante social pensado com base nos princípios da psicoarquitetura pode se tornar muito mais do que um espaço de alimentação: ele pode ser um lugar onde as crianças se sentem seguras, estimuladas e pertencentes. Além disso, ao considerar a experiência sensorial como parte essencial da

arquitetura, torna-se possível criar espaços mais inclusivos, com atenção à neurodiversidade, à mobilidade e às múltiplas formas de interação com o mundo.

3.4. Arquitetura sensível na infância: espaços de pertencimento

Sentir-se pertencente a um lugar é uma necessidade humana natural, especialmente durante a infância. O pertencimento está intimamente ligado à segurança emocional, ao reconhecimento do indivíduo e à possibilidade de desenvolver vínculos saudáveis com o espaço e com as pessoas que o habitam. Em contextos de vulnerabilidade social, esse sentimento torna-se ainda mais urgente, pois é justamente nesses ambientes que muitas crianças vivenciam a instabilidade, o medo e a exclusão.

A arquitetura tem o poder de influenciar diretamente essa experiência. Ao criar espaços que acolhem, respeitam e reconhecem a criança como sujeito de direitos, contribui-se para a formação de ambientes mais humanos e democráticos. Jane Jacobs (2011), em sua obra *Morte e vida de grandes cidades*, defende que a vitalidade dos espaços urbanos está diretamente ligada à convivência, à diversidade de usos e à presença constante de pessoas, elementos fundamentais também para o sentimento de pertencimento.

Essa perspectiva é reforçada por Jan Gehl (2010), que destaca a importância de projetar cidades para pessoas, com espaços públicos acessíveis, convidativos e seguros. Gehl propõe um urbanismo atento à escala humana, com ênfase em conforto, visibilidade e interação social, princípios essenciais também na criação de espaços infantis. Quando adaptados à realidade de restaurantes sociais, esses conceitos nos levam a pensar em ambientes onde a criança não apenas se alimenta, mas se reconhece, explora, aprende e se sente segura.

Autores como Leslie Kern e Blanca Valdivia, representantes do urbanismo feminista, ampliam essa discussão ao abordar como o espaço urbano pode (e deve) ser pensado a partir de perspectivas do cuidado, da escuta e da empatia. Para Kern (2021), a cidade tradicionalmente foi desenhada a partir de um olhar masculino e adultocêntrico, negligenciando as necessidades de grupos historicamente marginalizados, como as mulheres e as crianças. Já Valdivia (2020) defende uma “transformação radical” dos espaços de vida, onde o cuidado coletivo e a justiça espacial sejam prioridades.

Ao incorporar esses princípios no presente projeto, é possível criar espaços que promovem o bem-estar emocional, fortalecem os vínculos comunitários e potencializam o desenvolvimento integral das crianças. Espaços sensíveis são aqueles que consideram a iluminação, a acústica, os percursos acessíveis, os elementos lúdicos, a possibilidade de escolha e a liberdade de movimento, características que, juntas constroem uma arquitetura que cuida e transforma.

Tabela 2 - de Fatores de Bem-estar Infantil

Fator	Impacto no desenvolvimento	Estratégia espacial
Segurança	Autoconfiança	Visibilidade e iluminação
Conforto térmico	Saúde	Ventilação cruzada e sombreamento
Estímulo sensorial	Aprendizagem	Texturas, cores, sons agradáveis
Interação social	Sociabilidade	Mesas coletivas, áreas de convívio

Fonte: autora

3.5. Psicoarquitetura: o espaço que acolhe

A psicoarquitetura é uma abordagem interdisciplinar que investiga como os espaços construídos afetam emocionalmente seus usuários, influenciando estados de ânimo, comportamento e bem-estar. Ainda que o termo não tenha uma origem única e consolidada, ele surge da convergência entre a psicologia ambiental, a neurociência e a prática arquitetônica. A partir dos anos 1960 e 1970, pesquisadores como Robert Sommer e Robert Gifford, pioneiros da psicologia ambiental, passaram a estudar sistematicamente como elementos do espaço físico, como luz, cores, texturas e layout impactam o comportamento humano em ambientes institucionais, domésticos e urbanos. Gifford (2007), por exemplo, detalha como a escala dos espaços e sua organização afetam a percepção de segurança, conforto e pertencimento.

Na década de 1980, arquitetos e estudiosos europeus, como os integrantes do *Studio Dos*, na Itália, começaram a utilizar o termo “psicoarquitetura” para descrever práticas projetuais que integravam dados psicológicos, simbólicos e sensoriais ao design. Esse movimento também se conectou à psicologia do ambiente construído, uma área emergente que buscava compreender como a arquitetura poderia promover o bem-estar mental e emocional dos usuários, especialmente em ambientes de cuidado como escolas, hospitais e centros comunitários.

Com os avanços das neurociências, esse campo ganhou densidade científica e passou a se articular com o conceito de neuroarquitetura, notadamente com os estudos de John Eberhard, que fundou a Academy of Neuroscience for Architecture (ANFA), nos Estados Unidos, e de Esther Sternberg, que investigou como os ambientes ativam respostas neurológicas ligadas ao estresse e à cura. Sternberg (2009), por exemplo, mostra como o design biofílico, o controle de ruídos e o acesso à luz natural podem reduzir os níveis de cortisol e favorecer a recuperação emocional.

Na contemporaneidade, especialmente no Brasil, a psicoarquitetura tem se popularizado através de arquitetas como Giovanna Gogosz, que propõe uma metodologia própria (reconhecida pelo MEC) unindo psicologia ambiental, neurociência, design de interiores e escuta ativa. Através do conceito de *Psicobriefing*, Gogosz defende que o espaço não deve apenas servir a funções práticas, mas também resgatar memórias, identidades e sensações. Essa leitura sensível e crítica do espaço construído amplia as possibilidades da arquitetura social, transformando o ambiente em um instrumento terapêutico, educativo e afetivo, especialmente quando aplicado a projetos voltados à infância e à alimentação como os restaurantes sociais.

A infância é uma etapa crítica do desenvolvimento humano, em que estímulos físicos, emocionais e sociais moldam de maneira profunda as trajetórias futuras. É nesse período que se formam as bases da cognição, das relações interpessoais e da identidade. Por isso, o ambiente em que a criança cresce, principalmente os espaços que frequenta diariamente, exerce influência direta sobre sua saúde, bem-estar e potencial de aprendizado.

A arquitetura, nesse contexto, assume um papel ativo. Espaços planejados com atenção à escala infantil, às cores, à iluminação, à acústica e à fluidez dos percursos podem contribuir para despertar a curiosidade, favorecer a autonomia e estimular interações

positivas. Não se trata apenas de estética ou funcionalidade, mas da criação de atmosferas que traduzam segurança, acolhimento e estímulo à imaginação.

A pesquisadora Annemie Bogaerts, por exemplo, defende que as crianças devem ser envolvidas no processo de concepção dos espaços que ocupam, pois, “crianças não são adultos em miniatura, e sim sujeitos com necessidades específicas, em constante crescimento e transformação” (BOGAERTS, 2003). Essa visão é compartilhada por abordagens contemporâneas do design infantil, que consideram não só os aspectos físicos, mas também os afetivos e simbólicos da experiência espacial.

Além disso, estudiosas como Blanca Valdivia (2020) reforçam a importância de pensar os espaços urbanos, e também os comunitários, sob a ótica do cuidado. Ambientes seguros, acessíveis, iluminados e organizados com empatia favorecem o senso de pertencimento e a formação de vínculos. E para crianças, especialmente em contextos de vulnerabilidade, esse cuidado arquitetônico pode significar muito mais do que conforto: pode ser um fator de proteção e desenvolvimento.

Dessa forma, quando se projeta um restaurante social voltado ao público infantil, é essencial compreender que se está desenhando mais do que um refeitório. Está-se criando um espaço de experiências, onde o comer se conecta ao brincar, ao aprender, ao conviver. Integrar os princípios da psicoarquitetura nesse processo é uma maneira de garantir que o ambiente não só atenda às necessidades básicas, mas também contribua para o crescimento saudável, a autoestima e a inclusão social das crianças.

3.6. A relação entre Gastronomia e Psicoarquitetura

A conexão entre o espaço arquitetônico e a comida vai muito além da funcionalidade. Trata-se de uma relação sensorial e emocional profunda, que atravessa memórias, afetos e experiências cotidianas. Tanto a gastronomia quanto a psicoarquitetura atuam diretamente sobre os sentidos, buscando criar sensações de prazer, acolhimento e pertencimento, seja por meio do sabor ou do ambiente.

A comida, em especial na infância, tem um papel simbólico na construção da memória afetiva. Um cheiro, um tempero ou uma textura podem nos transportar instantaneamente a momentos vividos como um almoço de domingo, uma refeição na casa da avó, um lanche da escola. Esses registros emocionais não se constroem apenas pelo alimento em

si, mas pelo espaço onde ele é compartilhado, pelas pessoas presentes e pelo clima afetivo do momento. Como aponta Vasconcellos (2024),

“tanto o cardápio quanto o projeto refletem cultura, sentimentos e sensações, carregam memória e afetos. Enquanto um chef precisa pensar nos ingredientes que combinam entre si, no tempero ideal para deixar o paladar único e na qualidade dos alimentos, os arquitetos têm uma tarefa bem parecida quando estão projetando um ambiente. Precisam escolher os elementos que irão compor a decoração, o melhor local para cada detalhe, as texturas e as cores.”

Nesse sentido, a gastronomia e a arquitetura caminham lado a lado, ambas exigem sensibilidade, atenção ao detalhe e um olhar voltado ao bem-estar das pessoas. Como destaca Santos (2021), essa relação mútua se expressa desde as grandes redes de fast-food até os pequenos espaços comunitários: em todas as escalas, o espaço influencia a experiência da comida, e a comida influencia a vivência do espaço.

Ao pensarmos em restaurantes sociais destinado às crianças, essa relação ganha ainda mais potência. Quando bem projetado, o espaço pode reforçar vínculos emocionais positivos com a alimentação, estimulando o paladar, despertando curiosidade e construindo memórias afetivas saudáveis. Com isso, o ambiente deixa de ser apenas funcional e se transforma em um instrumento pedagógico, afetivo e transformador.

Sendo assim, a psicoarquitetura influencia diretamente a experiência em espaços de alimentação ao utilizar cores, iluminação, acústica e layout para criar ambientes confortáveis, seguros e acolhedores, que podem aumentar o apetite e melhorar a percepção sensorial, especialmente para crianças, mais sensíveis aos estímulos. Em restaurantes sociais, essa abordagem é fundamental para garantir que o espaço promova inclusão, bem-estar e dignidade, transformando o ato de alimentar-se em um momento de acolhimento e valorização, essencial para pessoas em situação de vulnerabilidade.

4. ESTUDO DE REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Para embasar a proposta arquitetônica deste trabalho, foram analisados projetos que integram alimentação, acolhimento e cuidado infantil, com ênfase no papel da arquitetura como mediadora da experiência humana. São exemplos que não apenas respondem a necessidades funcionais, mas também promovem pertencimento, dignidade e bem-estar emocional:

1. Restaurante Popular de Belo Horizonte (MG) – Arquitetura como instrumento de dignidade

Figura 1 – Restaurante Popular de Belo Horizonte – Minas Gerais



Fonte: g1.globo.com

Os Restaurantes Populares de Belo Horizonte, criados na década de 1990, são uma referência nacional em política pública de segurança alimentar. Ainda que voltados a públicos diversos, sua proposta buscou desde o início romper com a ideia de assistencialismo degradante. A organização dos fluxos, a iluminação natural e os materiais empregados foram pensados para transmitir respeito, dignidade e acolhimento.

Embora não seja voltado exclusivamente ao público infantil, o projeto mostra como o espaço físico pode contribuir para a humanização do atendimento e o fortalecimento da autoestima, além de incentivar hábitos alimentares saudáveis com refeitórios organizados, limpos e agradáveis.

2. Refettorio Gastromotiva – Rio de Janeiro (2016)

Figura 2 – Refettorio Gastromotiva – Rio de Janeiro



Fonte: www.cnnbrasil.com.br

O Refettorio Gastromotiva é um restaurante social criado durante as Olimpíadas de 2016, com o objetivo de oferecer refeições dignas a pessoas em situação de vulnerabilidade. Idealizado por Massimo Bottura e David Hertz, o espaço une **design, arte e função social**, com ambientes acolhedores, mobiliário dos Irmãos Campana e painéis criados por Vik Muniz com materiais reaproveitados.

Sua proposta vai além da alimentação: o projeto promove acolhimento, pertencimento e dignidade, que busca aplicar os fundamentos da psicoarquitetura na criação de um restaurante social voltado para crianças. Assim como o Refettorio, a proposta aqui

desenvolvida entende o espaço como parte essencial da experiência de cuidado e transformação.

3. Centro de Nutrição Infantil de Medellín (Colômbia) – Arquitetura e saúde pública

Figura 3 – Centro de Nutrição Infantil de Medellín - Colômbia



Fonte: Archidaily

Em Medellín, o Centro Integral de Nutrición Infantil (CINI), projetado pelo Colectivo 720, é um exemplo internacional de como a arquitetura pode apoiar políticas de saúde infantil. O projeto contempla alimentação, atendimento psicológico, atividades lúdicas e acompanhamento familiar.

Com espaços abertos, áreas verdes e ambientes interligados, o projeto valoriza a luz natural e a ventilação cruzada, reforçando o vínculo com o ambiente externo e promovendo uma experiência sensorial rica. O uso de cores suaves e mobiliário ergonômico reforça o cuidado emocional. É um espaço que alimenta e cura de forma física e simbolicamente.

5. PROJETO

O presente projeto propõe a criação de um restaurante social com foco na promoção da saúde infantil, especialmente de crianças em situação de vulnerabilidade. A iniciativa visa criar um espaço voltado ao bem-estar físico, emocional e social, com ênfase na oferta de alimentação saudável e no combate à obesidade infantil.

Para atingir esses objetivos, o restaurante contará com o acompanhamento de nutricionistas, que desenvolverão cardápios balanceados e adaptados às necessidades nutricionais das crianças. O espaço oferecerá, ainda, oficinas educativas que abordam a alimentação de forma lúdica, incentivando a formação de hábitos saudáveis desde a infância.

5.1. Diretrizes projetuais para o restaurante social infantil

A partir da análise teórica e das referências projetuais abordadas, torna-se possível selecionar diretrizes específicas para a elaboração de um espaço de alimentação comunitária com foco na infância, sob a ótica da psicoarquitetura. Essas diretrizes devem considerar não apenas a funcionalidade do espaço, mas também os aspectos emocionais, sensoriais e simbólicos envolvidos na vivência infantil.

1. Acolhimento emocional e pertencimento

A utilização de materiais naturais, cores suaves e texturas agradáveis contribui para uma atmosfera acolhedora, ajudando a transformar o restaurante em um verdadeiro território de afeto.

2. Visibilidade e segurança

A organização espacial deve priorizar visibilidade entre os ambientes permite que as crianças estejam sob constante supervisão, ao mesmo tempo em que se sentem livres e seguras para explorar.

3. Estímulo ao desenvolvimento e à criatividade

A introdução de elementos lúdicos, formas orgânicas e estímulos sensoriais integrados favorece o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, ampliando o significado da experiência de se alimentar.

4. Convivência comunitária e inclusão

Elaboração de Espaços que permitem encontros entre diferentes gerações, atividades colaborativas e vivências culturais reforçam o papel do restaurante como um polo de inclusão e fortalecimento comunitário.

5.1.2. Localização

O projeto será implantado em um terreno localizado na Avenida Zumbi dos Palmares, nº 139-1, no bairro Jardim Santa Mônica, em Botucatu/SP. A escolha do local foi estratégica, devido à proximidade com a Escola 24 de Maio, cuja comunidade escolar é formada, em grande parte, por crianças em situação de vulnerabilidade social. A localização permite fácil acesso, tanto a pé quanto por transporte público, e favorece a integração com a vizinhança, promovendo o uso comunitário do espaço.

Figura 4 – Imagem aérea da implantação



Fonte: Google Earth, 2025.

5.1.3 Conceito Arquitetônico

O restaurante será desenvolvido a partir dos princípios da psicoarquitetura, que compreende a arquitetura como ferramenta de promoção do bem-estar emocional. O projeto prioriza o uso de iluminação natural, cores acolhedoras, texturas confortáveis e elementos naturais, como plantas e materiais orgânicos, para criar um ambiente seguro,

estimulante e relaxante. As áreas de convivência serão pensadas para favorecer a interação entre as crianças, promovendo um senso de pertencimento e comunidade.

A proposta arquitetônica também contempla a acessibilidade sensorial e física, com espaços inclusivos e ambientes projetados para garantir conforto acústico e visual, de modo que todas as crianças, independentemente de suas condições, possam se sentir bem-vindas.

5.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES

5.2.1. Público-alvo

- **Faixa etária atendida:** crianças de 3 a 12 anos, acompanhadas de responsáveis;
- **Outros públicos:** famílias em situação de vulnerabilidade, educadores, voluntários e equipe técnica.

5.2.2. Horário de funcionamento

O restaurante funcionará de segunda a sexta-feira, com atendimento dividido em dois turnos: manhã e tarde, por meio de agendamentos prévios realizados principalmente por escolas públicas. Essa organização permite melhor controle de fluxo, planejamento de refeições e uma experiência mais acolhedora para os grupos atendidos.

Turno da manhã • Café da manhã: 7h30 - 9h • Almoço: 11h - 12h
Turno da tarde • Almoço: 12h30 - 13h30 • Lanche da tarde: 15h30 - 16h30

O funcionamento em dois turnos e por agendamento garante o atendimento em contraturno escolar, oferecendo acolhimento, segurança e suporte às crianças cujos responsáveis trabalham durante o dia. A proposta favorece o uso eficiente do espaço e amplia o alcance social do projeto

5.2.3. Atividades oferecidas

- Alimentação diária com cardápios nutritivos;
- Oficinas educativas de nutrição;
- Atividades recreativas livres e dirigidas;

- Apoio pedagógico e reforço escolar;
- Atendimento psicossocial e escuta acolhedora;
- Capacitação das famílias em temas como saúde e cidadania.

5.2.4. Ambientes planejados

- **Espaços de alimentação:**

Refeitório: com mobiliário ergonômico, cores suaves, ventilação e iluminação naturais;

Cozinha industrial: conforme normas da ANVISA;

Despensa: com área mínima de 4 m², refrigerada e seca.

- **Espaços educativos e recreativos:**

Mini cozinha infantil;

Brinquedoteca e playground;

Pátio com solário e horta/jardins comestíveis.

- **Espaços de apoio:**

Sala de atendimento nutricional;

Sala multifuncional para equipe técnica;

Banheiros infantis;

Circulações amplas, acessíveis e bem demarcadas.

5.2.5. Fluxos diferenciados

- Acesso principal para o público;
- Acesso de serviço para insumos e descarte;
- Circulação separada de funcionários e fornecedores.

5.2.6. Materiais e Acabamentos

- Revestimentos de fácil limpeza e manutenção;

- Mobiliário lúdico e durável, preferencialmente em madeira;
- Pisos antiderrapantes e seguros;
- Painéis para controle acústico;
- Paleta de cores que promova calma, segurança e curiosidade infantil.

5.3 PROPOSTA ARQUITETÔNICA: RESTAURANTE SOCIAL

5.3.1. Fundamentação e Normas

O restaurante será implantado em zona mista, conforme o Plano Diretor de Botucatu, o que permite usos institucionais, comerciais e residenciais. A escolha da localização reforça o caráter comunitário do projeto e seu potencial como equipamento público.

5.3.2. Iluminação e ventilação natural

seguirão as diretrizes legais:

- Salas de uso prolongado devem ter área iluminante mínima de 1/5 do piso;
- Ambientes de permanência transitória (cozinha, sanitários) podem ter iluminação zenital conforme critérios técnicos.

5.3.3. Normas específicas

- Refeitórios: mínimo de 40 m² (Art. 97);
- Cozinhas com exaustão externa (Art. 98);
- Despensas conectadas à cozinha com área mínima de 4 m² (Art. 99);
- Banheiros públicos separados por sexo (Art. 100).

5.4 TERRENO

Mapa de uso e ocupação do solo - Entorno



Fonte: autora

5.4.1. Localização e Acessos

- Terreno de esquina, com frente para a Av. Zumbi dos Palmares;
- Proximidade com vias importantes e transporte público;

- Forma triangular, vegetação esparsa e topografia levemente inclinada.

5.4.2. Características e Infraestrutura do Entorno

- Presença de residências e comércios locais;
- Área ao norte livre para ventilação cruzada e expansão;
- Condições ambientais favoráveis à iluminação e ventilação naturais.
- Pavimentação e redes de água, esgoto e energia elétrica;
- Transporte público próximo.

5.4.3. Implantação

A implantação do edifício busca:

- Integrar o espaço ao tecido urbano, ativando uma área hoje ociosa;
- Maximizar o aproveitamento da luz natural;
- Criar uma fachada viva com áreas verdes e espaço de transição;
- Garantir acessibilidade universal desde o acesso principal.

5.4.4. Fluxos

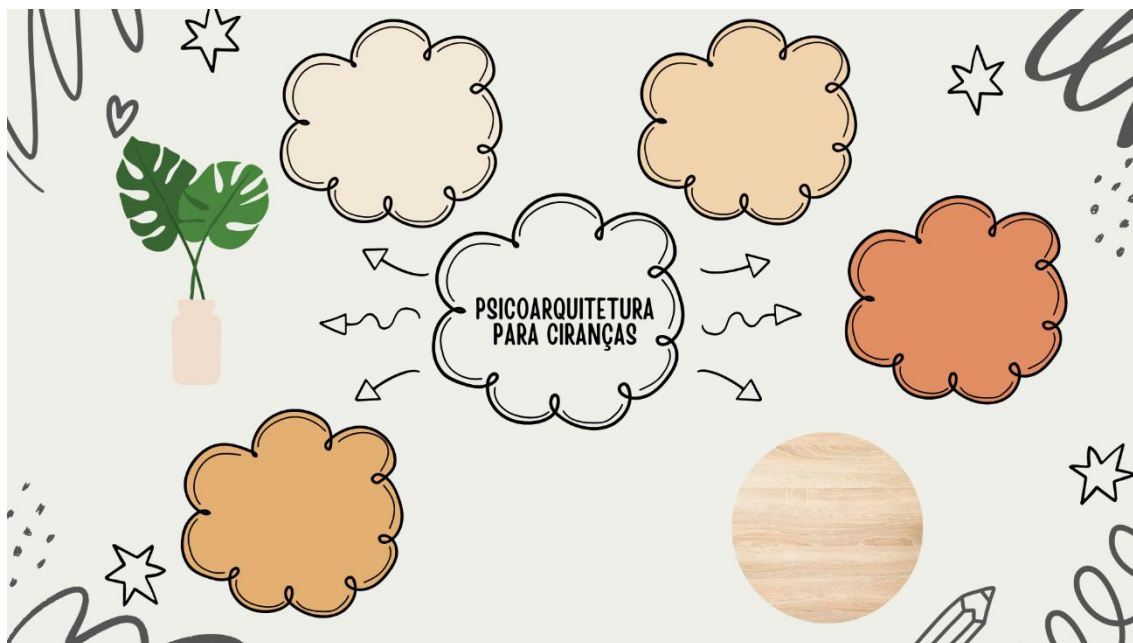
- A entrada principal conduz à recepção, que distribui os fluxos para o refeitório e áreas lúdicas;
- Cozinha e áreas técnicas têm circulação própria, separada do público (VALDIVIA, 2020);
- A sala da nutricionista foi posicionada próxima às áreas de brincadeira, refeitório e à recepção, facilitando o atendimento direto às crianças e famílias.

5.5 APLICAÇÕES PRÁTICAS DO PROJETO ARQUITETÔNICO

A proposta arquitetônica do restaurante social foi desenvolvida com base em princípios da psicoarquitetura, considerando as necessidades emocionais, sensoriais e sociais das crianças. As estratégias adotadas na configuração espacial e nos elementos do projeto

foram orientadas por um compromisso com o acolhimento, a autonomia e o estímulo ao bem-estar. A seguir, detalham-se as principais aplicações práticas incorporadas ao ambiente:

Figura 5 – Moodboard psicoarquitetura



Fonte: autora

1. Paleta de cores

O projeto emprega cores quentes suaves, como laranja claro, amarelo e coral, tanto nas paredes quanto em mobiliários e detalhes decorativos. Essas tonalidades foram escolhidas por sua capacidade de estimular o apetite, promover alegria e favorecer a socialização. A cromoterapia (terapia das cores) atua diretamente nos estímulos sensoriais das crianças, reforçando um ambiente positivo e comunicativo (GOGOSZ, 2021; GIFFORD, 2007).

2. Iluminação natural e artificial

A planta foi pensada para maximizar a entrada de luz natural através de aberturas amplas, enquanto a iluminação artificial é difusa e suave, evitando ofuscamento. Essa escolha respeita o ritmo biológico das crianças e promove regulação emocional, conforto visual e sensação de bem-estar (STERNBERG, 2009).

3. Materiais com textura e calor tátil

Optou-se por materiais naturais e aconchegantes como madeira aparente, tecidos leves e revestimentos com textura suave nas paredes e mobiliário. Essa materialidade ativa o tato como sentido de segurança e acolhimento, promovendo conforto emocional (EBERHARD, 2009).

4. Escalas acessíveis à criança

Todos os elementos do espaço, pias, mesas, cadeiras, estantes, foram projetados em escala infantil. A adaptação à altura e alcance das crianças estimula sua autonomia, reduz a frustração e favorece a relação ativa com o espaço (GIFFORD, 2007; pedagogia Montessori).

5. Zonas de convívio e tranquilidade

Foram criados “cantinhos sensoriais” com puffes, cortinas leves, iluminação suave e elementos lúdicos como as janelas em diferentes formatos e portais e molduras curvas. Esses espaços de acolhimento funcionam como ilhas de calma e autorregulação, oferecendo um refúgio emocional para crianças mais sensíveis ou em momentos de sobrecarga (STERNBERG, 2009).

6. Estímulo multissensorial

A proposta também abrange sons ambientes suaves (como sons da natureza), uso de aromas naturais oriundos de uma pequena horta, e estímulos táteis nos revestimentos. Essa composição promove experiências sensoriais completas e fortalece vínculos positivos com o ambiente (GOGOSZ, 2021).

7. Circuito fluido e participativo

A organização da planta baixa propõe um layout aberto, com poucas divisões e percursos livres. A conexão entre espaços de preparo e refeição é visível, promovendo a sensação de pertencimento, segurança e integração social – princípios também defendidos por Jane Jacobs (JACOBS, 2011; GIFFORD, 2007).

8. Afetividade e identificação

O espaço conta com uma horta educativa acessível às crianças, promovendo vínculos com o alimento e a natureza. Além disso, intervenções artísticas com

referências culturais locais foram planejadas para estimular o sentimento de pertencimento e identidade comunitária (JACOBS, 2011).

Tabela 3 – Relação entre Psicoarquitetura, NBR 9050 e Aplicações no Projeto

Elemento Psicoarquitetônico Aplicado	Normas Técnicas e Legais Relacionadas	Como foi aplicado no projeto
Cores e estímulo visual positivo	<i>(Sem norma específica – critério projetual complementar)</i>	Uso de tons quentes suaves (como amarelo e coral) nas áreas de refeição para estimular apetite e bem-estar infantil.
Aproveitamento da iluminação natural	Lei nº 6.163/2018 (Botucatu) – Art. 23 / Decreto nº 11.983/2022 (Botucatu)	Aberturas amplas e posicionamento estratégico de janelas para entrada de luz natural, promovendo conforto ambiental e economia de energia.
Materiais táteis e seguros	NBR 9050:2020 – Seção 5.6 / Lei nº 6.163/2018 (Botucatu)	Revestimentos com textura suave e antiderrapante no piso, além do uso de madeira em acabamentos acessíveis ao toque das crianças.
Escala infantil e acessibilidade	NBR 9050:2020 – Seção 6.2 / Decreto nº 11.983/2022 (Botucatu)	Pias, assentos e bancadas em altura acessível, respeitando a escala infantil, garantindo autonomia e acessibilidade universal.
Espaços de refúgio e autorregulação emocional	Plano Diretor de Botucatu – LC nº 1.090/2013 – Art. 56 (qualidade urbana e conforto)	Criação de cantinhos sensoriais com pufes, iluminação suave e isolamento visual/sonoro.
Estímulo multissensorial (som, cheiro, tato)	Plano Diretor – Art. 61 (sustentabilidade, bem-estar e integração com a natureza)	Integração de horta sensorial com aromas naturais, uso de diferentes texturas e materiais para estimular os sentidos das crianças.

Elemento Psicoarquitetônico Aplicado	Normas Técnicas e Legais Relacionadas	Como foi aplicado no projeto
Layout fluido e com visibilidade	NBR 9050:2020 – Seção 4.5 (fluxo contínuo e acessível) / Decreto nº 11.983/2022 (Botucatu) / Lei nº 6.163/2018 – circulação segura e acessível	Organização dos espaços com rotas claras e visibilidade entre cozinha, refeitório e áreas de convivência, facilitando o monitoramento e a autonomia das crianças.
Identidade cultural e pertencimento	Plano Diretor – Art. 58 (valorização da cultura local e identidade)	Intervenções artísticas com referências culturais locais e espaço de horta coletiva como meio de vínculo com o território e consciência alimentar.

Fonte: autora

5.5.1 Aplicação comunitária e educativa do restaurante

1. Uso pelas escolas públicas

O restaurante social foi pensado para funcionar como uma oficina educativa vinculada à Prefeitura Municipal, com uso coletivo e rotativo pelas escolas públicas da cidade. A proposta é que qualquer unidade escolar da rede possa utilizar o espaço mediante agendamento, permitindo que todas as crianças da rede tenham a oportunidade de acesso ao espaço.

2. Funcionamento por agendamento

O funcionamento será dividido em dois turnos diários, manhã e tarde, com capacidade para atender até **53 crianças por período**. A organização será feita em parceria com as escolas e a gestão pública, buscando priorizar comunidades com menor acesso a equipamentos educativos e de alimentação. Essa lógica rotativa torna o projeto mais acessível, sem a necessidade de manter o espaço exclusivo para uma única instituição.

3. Mini cozinha e educação alimentar prática

Um dos pontos centrais do projeto é a mini cozinha infantil, criada com os elementos na altura das crianças: bancadas, pias, utensílios e móveis. O espaço será utilizado em

oficinas práticas e lúdicas, com receitas simples e acompanhamento de nutricionistas e educadores. A ideia é estimular a autonomia, o cuidado com o alimento e o desenvolvimento de hábitos saudáveis desde cedo.

4. Integração com a cozinha principal

Uma janela de vidro entre a mini cozinha e a cozinha principal permite que as crianças acompanhem o preparo das refeições pelos adultos, promovendo transparência, vínculo e aprendizado. Essa conexão física e visual aproxima as crianças do processo alimentar de maneira divertida e consciente.

5. Inspiração em iniciativas já existentes

Essa proposta se baseia em modelos que já deram certo, como o **Restaurante Popular**, em Belo Horizonte, o **Refettorio Gastromotiva**, no Rio de Janeiro, e programas da **FAO (2019)** voltados à alimentação escolar em comunidades da América Latina. Todas essas experiências reforçam que unir alimentação, arquitetura e educação transforma realidades.

Além dessas referências nacionais e internacionais, uma iniciativa local também inspira este projeto: o “Razões Pra Sonhar”, criado por Tiago de Oliveira em Botucatu. O projeto transformou um espaço no centro da cidade em uma sala de cinema gratuita, onde escolas públicas agendam visitas para que as crianças participem de sessões especialmente pensadas para elas (PREFEITURA MUNICIPAL DE BOTUCATU, 2024). Assim como o restaurante social, o “Razões Pra Sonhar” valoriza o uso compartilhado, o cuidado com a infância e a construção de experiências significativas. O funcionamento também se dá por meio de agendamentos limitados por turma, garantindo organização, qualidade no atendimento e uma vivência mais acolhedora. A lógica é a mesma desta proposta, um espaço acessível, público e sensível, mas com estrutura realista e potencial de crescimento, que permite ir atendendo mais crianças conforme as parcerias e os recursos forem se fortalecendo.

6. Arquitetura da fachada como linguagem de acolhimento

A entrada do restaurante foi pensada como um convite ao acolhimento. Desde o primeiro olhar, a criança é envolvida por uma fachada amigável, com cores suaves, formas arredondadas e elementos naturais. O edifício foi desenhado como um organismo vivo, em que todos os espaços se conectam de forma fluida e acessível. Para a criança, tudo está à vista, ao alcance, feito para que ela se sinta livre, segura e parte daquele lugar.

Figura 5 – Imagem 3D Playground



Fonte: autora

Figura 6 – Imagem 3D Restaurante em escala infantil



Fonte: autora

Figura 7 – Imagem 3D Horta e espaço externo



Fonte: autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arquitetura, quando compreendida como ferramenta social e emocional, revela seu verdadeiro potencial de transformar realidades. Neste trabalho, foi possível observar como a psicoarquitetura pode contribuir significativamente para o bem-estar infantil, especialmente em espaços voltados à alimentação, onde a memória afetiva, o cuidado e a experiência sensorial se entrelaçam. Pensar um restaurante social voltado às crianças em situação de vulnerabilidade vai além da preocupação estética: é um gesto de acolhimento, de justiça social e de respeito ao direito fundamental à alimentação.

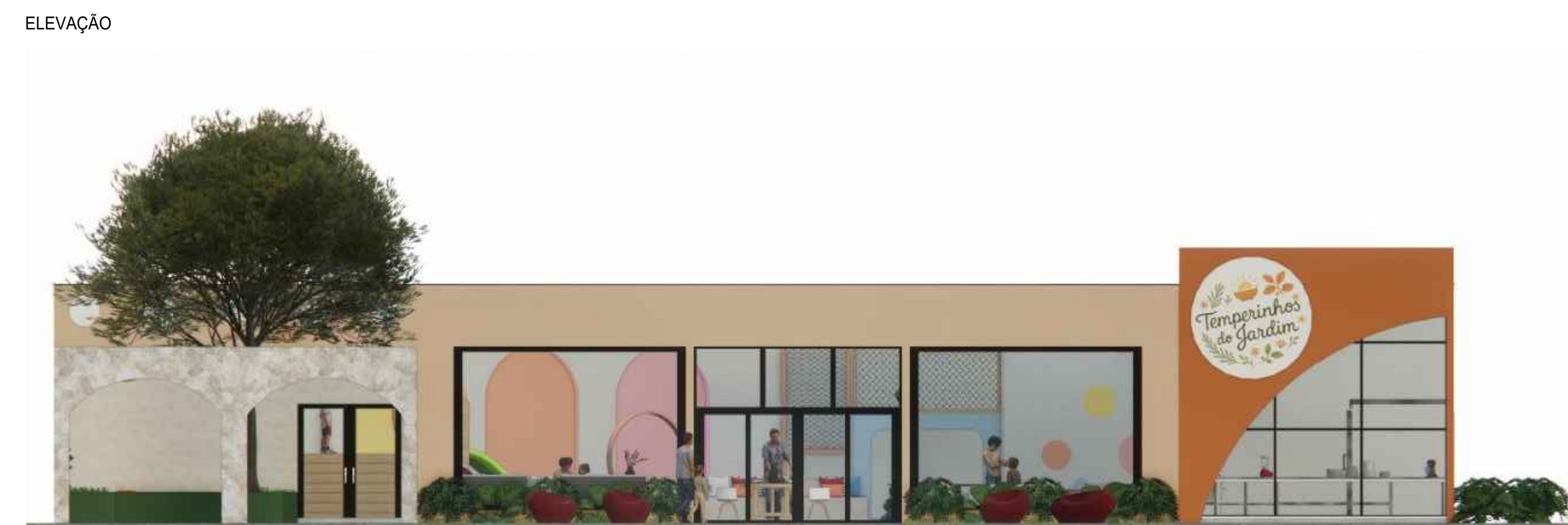
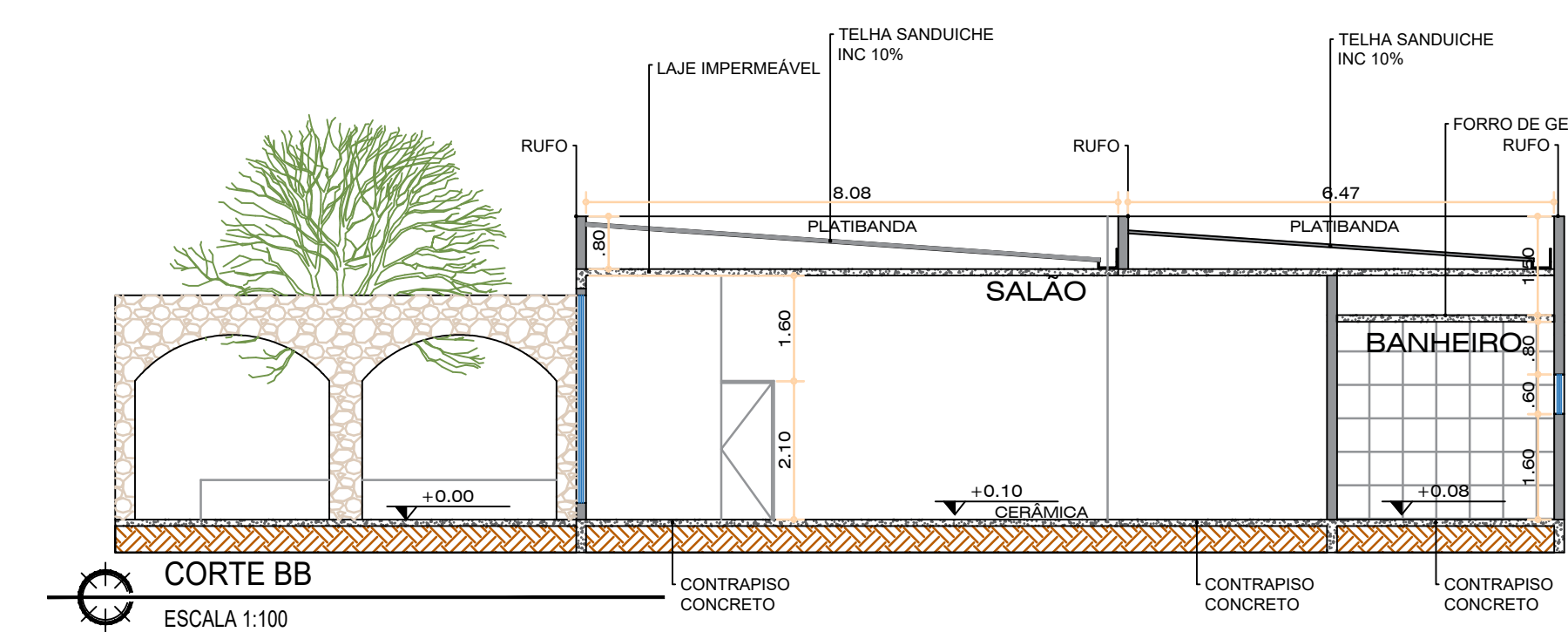
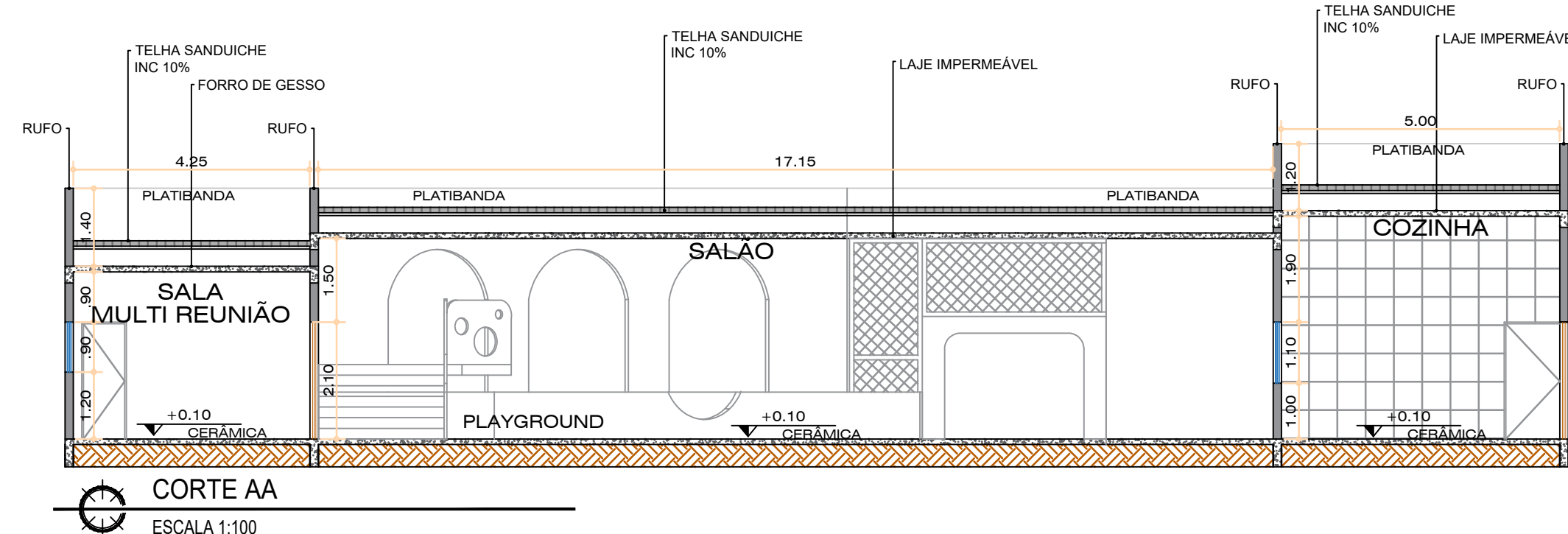
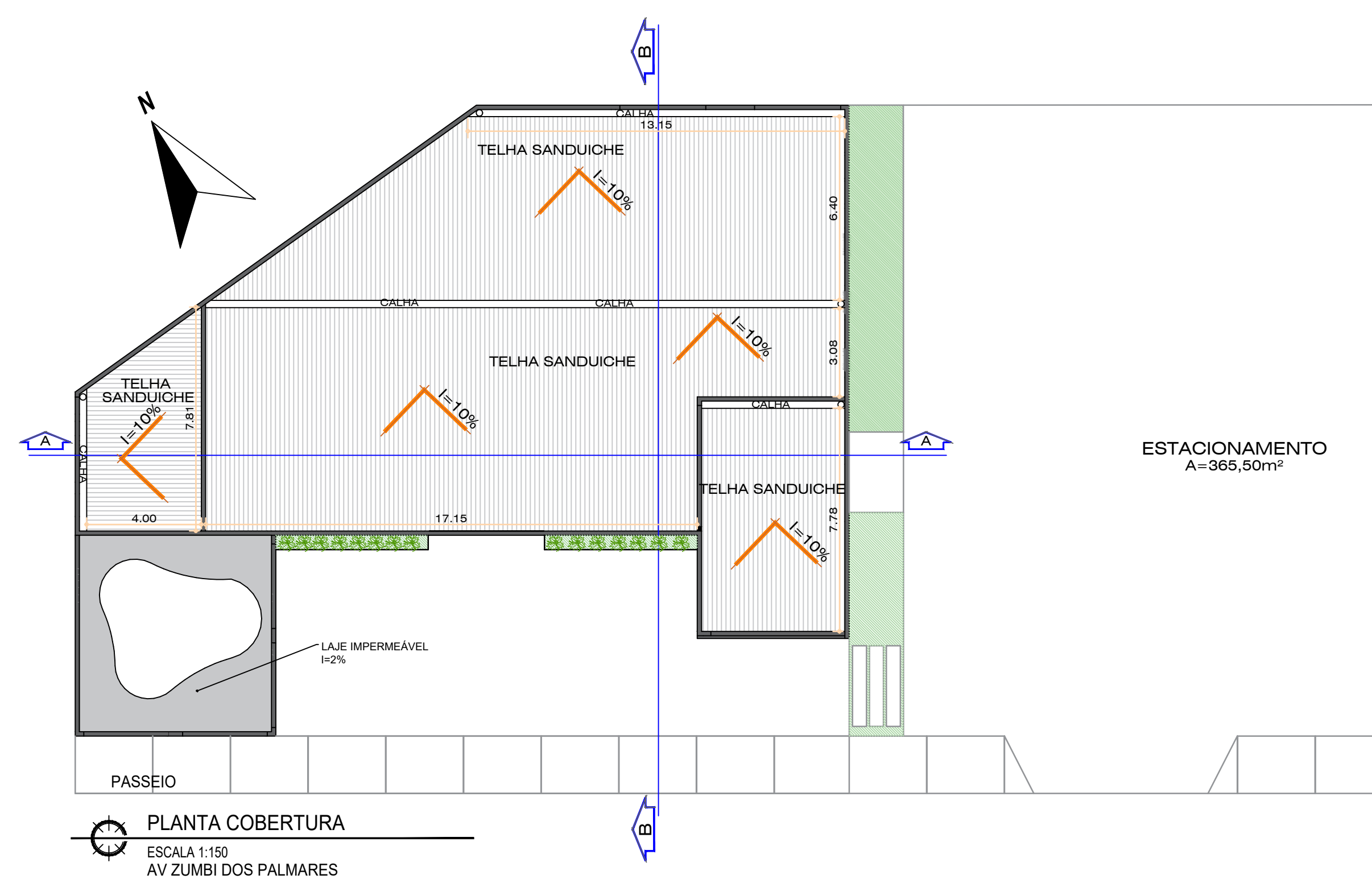
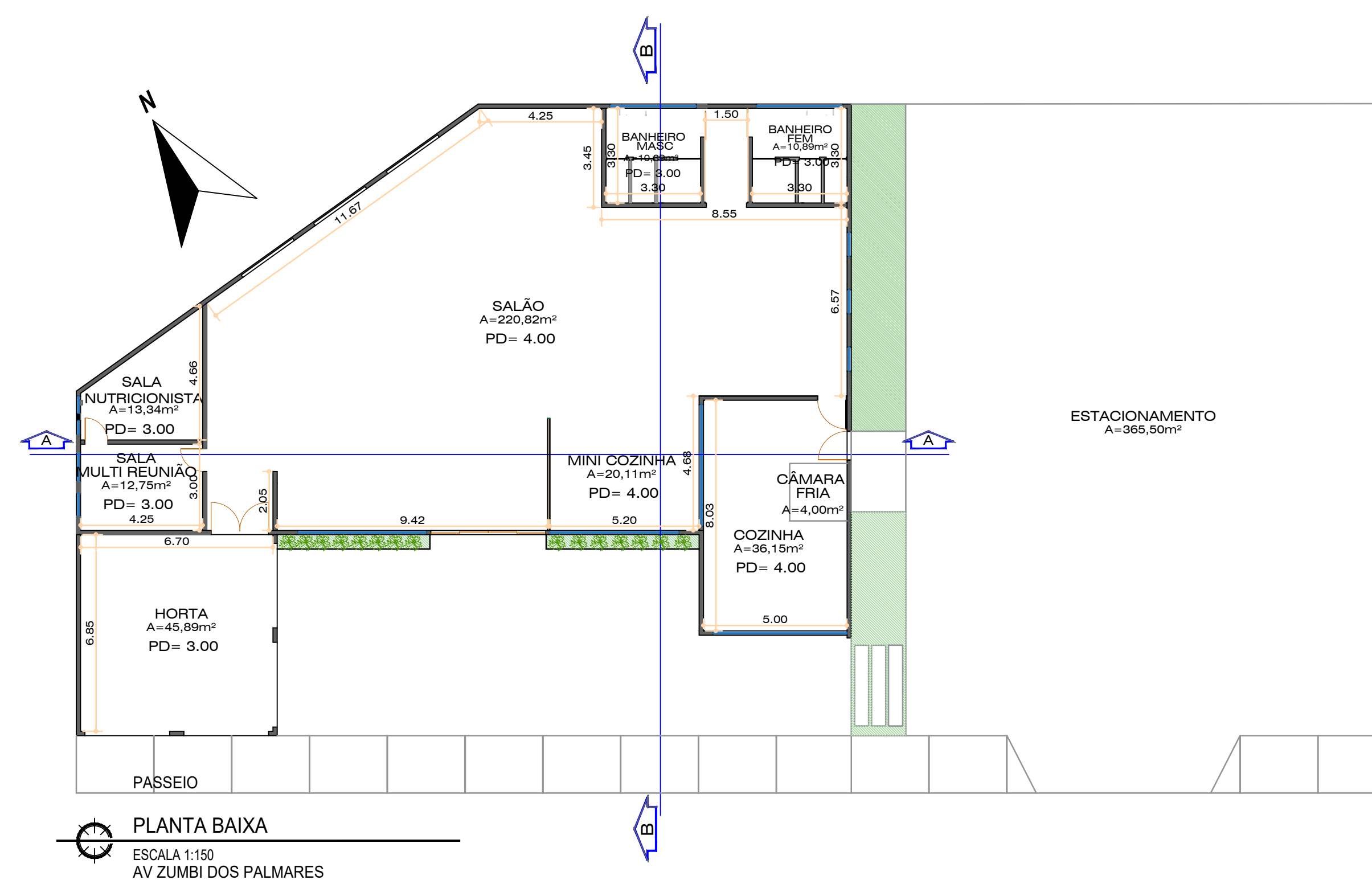
Em um cenário onde a insegurança alimentar ainda afeta milhões de crianças, inclusive em Botucatu, torna-se urgente propor espaços mais humanizados, acessíveis e sensíveis às necessidades físicas e emocionais da infância. A arquitetura, portanto, assume um papel ativo na construção de um futuro mais digno, onde comer seja também um ato de pertencimento, afeto e cuidado.

Que esse trabalho sirva como incentivo para a criação de projetos arquitetônicos mais conscientes, empáticos e comprometidos com a transformação social, sobretudo quando o público são as crianças, que carregam em si não apenas o futuro, mas também a potência de inspirar um presente mais justo e sensível para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- BRASIL. Governo do Distrito Federal. *Restaurantes Comunitários*. Disponível em: <https://www.sedes.df.gov.br/restaurantes-comunitarios/#:~:text=Seu%20objetivo%20%C3%A9%20facilitar%20o,em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20vulnerabilidade%20social>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- CEDRONI, Paula. *Restaurante Comunitário*. 2024. Disponível em: <https://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/slideshow/3821/1>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- CRIANÇA E CONSUMO. *Consequências da publicidade infantil: obesidade infantil*. Disponível em: <https://criancaeconsumo.org.br/chega-de-publicidade-infantil/consequencias-da-publicidade-infantil/obesidade-infantil/>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- DUDZIK, K. *Psicoarquitetura: o impacto dos ambientes no bem-estar humano*. São Paulo: Editora Humanidades, 2020.
- FAO – Food and Agriculture Organization. *Estado da segurança alimentar e nutrição no mundo*. Roma: Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, 2019.
- GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- KERZNER, B. et al. *Feeding difficulties and nutritional concerns in children with developmental disabilities*. *Pediatrics*, v. 136, n. 6, p. e1609-e1617, 2015.
- KERN, Leslie. *Cidade feminista: um guia de combate à opressão cotidiana no espaço urbano*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- MONTESSORI, Maria. *A mente absorvente*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2007.
- OLIVEIRA, Tiago de. Canal oficial no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@tiagodeoliveiraoficial>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BOTUCATU. Secretaria de Cultura convida para inauguração da Sala de Cinema “Razões Pra Sonhar”. Botucatu, 22 out. 2023. Disponível em: <https://www.botucatu.sp.gov.br/noticias/31357>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- SANTOS, Renan. *Caderno TFG – Renan Teixeira*. 2021. Disponível em: https://issuu.com/renansantoste/docs/caderno_tfg_renan_teixeira-compactado. Acesso em: 3 jun. 2025.
- SCIELO. *Alimentação infantil*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/tkvzBT5BP4pQ95xVKLBfqyx/>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- VALDIVIA, Blanca. *Urbanismo feminista: por uma transformação radical dos espaços de vida*. Barcelona: Dpr-barcelona, 2020.

- WILLIAMS, K. E. et al. *Feeding problems in children with developmental delays*. Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics, v. 27, n. 4, p. 281-290, 2006.
- WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- GIFFORD, Robert. *Environmental psychology: principles and practice*. 4. ed. Colville: Optimal Books, 2007.
- STERNBERG, Esther. *Healing spaces: the science of place and well-being*. Harvard University Press, 2009.
- EBERHARD, John P. *Brain Landscape: The Coexistence of Neuroscience and Architecture*. Oxford University Press, 2009.
- GOGOSZ, Giovanna. *Psicoarquitetura: a união de neurociência, psicologia ambiental e design de interiores*. Psicoarquitetura®, 2021. Disponível em: <https://www.giovannagogosz.com.br/>. Acesso em: maio 2025.
- ORLANDI, Claudio; DOS, Studio. *Psicoarchitettura e benessere*. Roma: Edizioni Prospettive, 1982.



Benefícios: A criança vê, toca e cheira o que ela vai comer. Isso ativa áreas do cérebro ligadas ao interesse, a curiosidade e a aceitação alimentar.

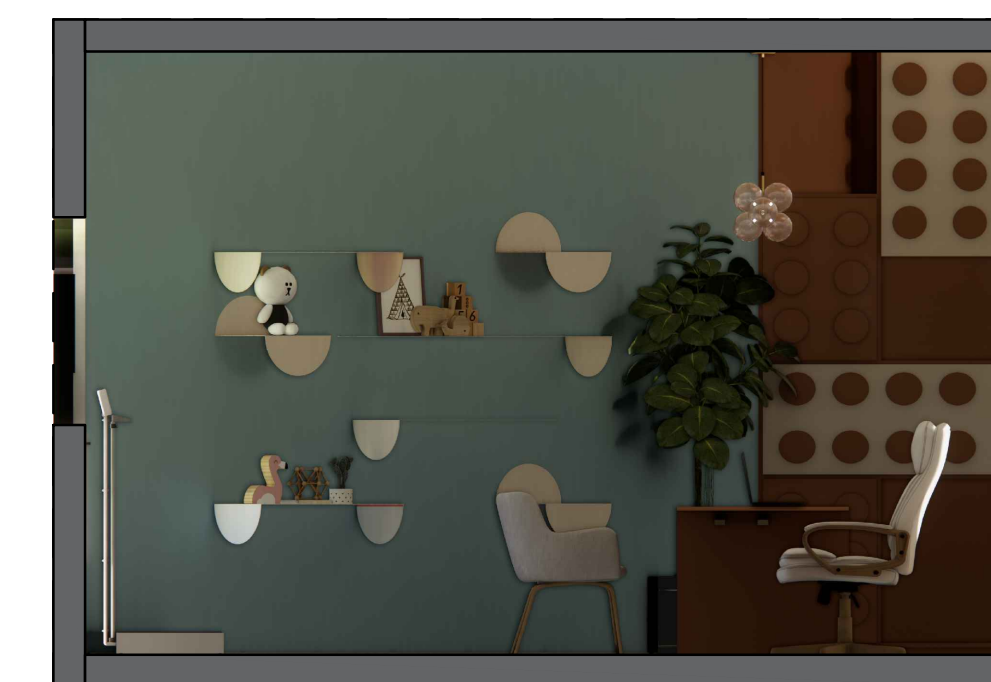


Benefícios: As paletas suaves reduzem o risco de sobrecarga sensorial, o que ajuda na autorregulação emocional

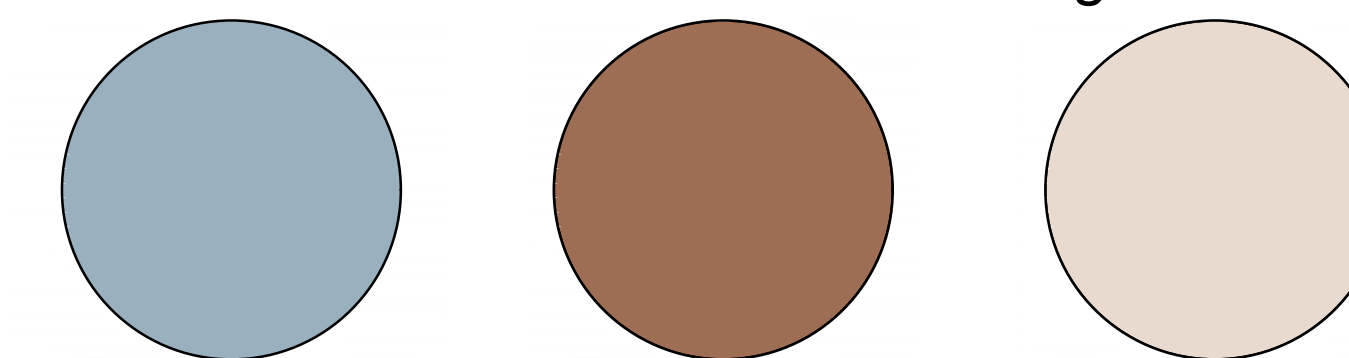


Benefícios: A cozinha lúdica, ativa áreas cognitivas ligadas à criatividade, imaginação e planejamento. Quando a criança brinca de cozinhar, ela sente que também faz parte da rotina do restaurante, e não apenas como espectadora.

TABELA DE CORES SALA NUTRICIONISTA 1

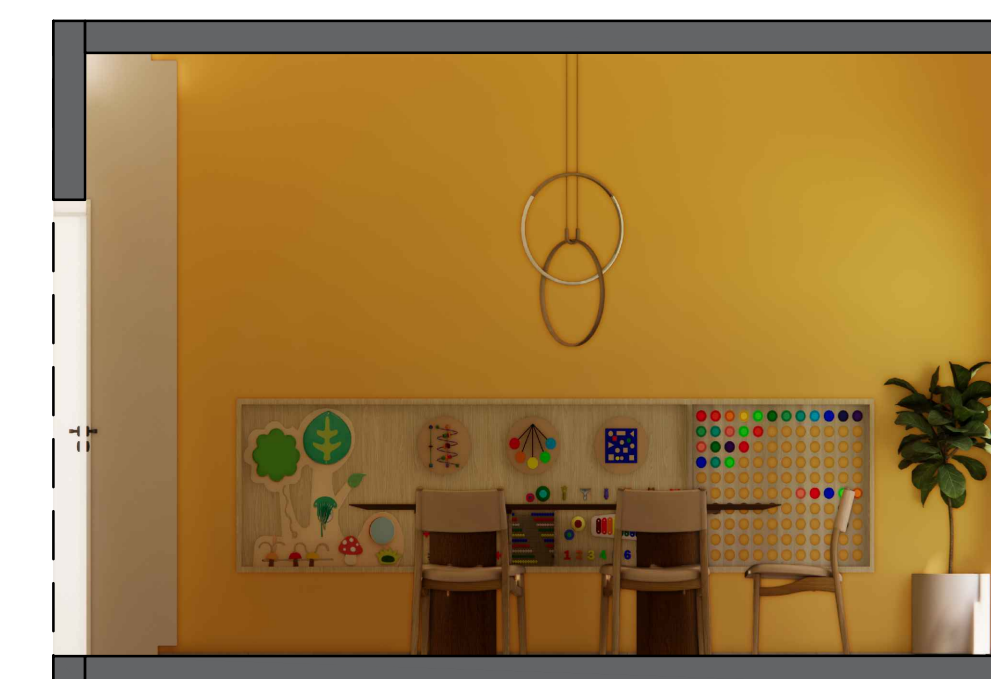


Azul acinzentado Terracota clara Bege

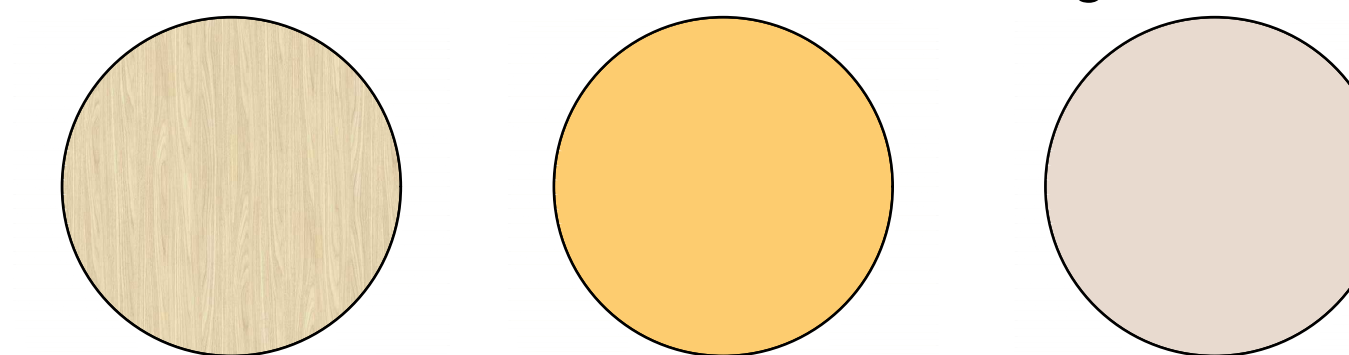


Azul: controle da ansiedade, confiança, foco
Terracota: conexão com o corpo, estabilidade emocional
Bege: neutralidade afetiva, conforto, sensação de limpeza

TABELA DE CORES SALA MULTI REUNIÕES 2

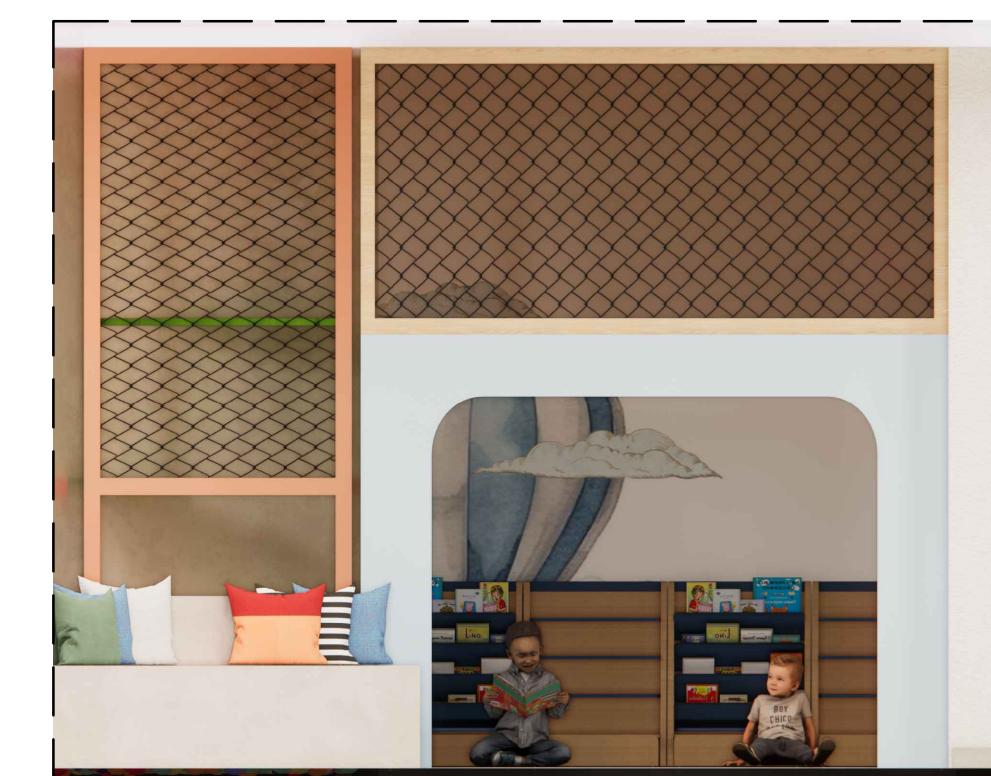


Madeira natural Mostarda Bege



Madeira natural: Trazem acolhimento sem perder a formalidade.
Mostarda: Gera leve ativação criativa sem comprometer o foco
Bege: não sobrecarrega o cérebro; dá espaço para o diálogo e atenção

TABELA ESPAÇO LEITURA 3



Papel de parede Azul claro



Papel de parede: O céu aberto e azul remete à amplitude, clareza de pensamento e liberdade interior
Azul claro: Ajuda na concentração sem ser frio demais

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
RESTAURANTE SOCIAL: A RELAÇÃO DA PSICOARQUITETURA NA TRANSFORMAÇÃO DE ESPAÇOS DE ALIMENTAÇÃO PARA CRIANÇAS.

CAROLINE DE OLIVEIRA LOPES
ORIENTADORA: PROFª ME.BEATRIZ LEITE ANTUNES
ARQUITETURA E URBANISMO - FACULDADE GALILEU/2025

Nº FOLHA
01/01